

GEORGES DUBY E AS DAMAS DO SÉCULO XII: QUESTÕES HISTORIOGRÁFICAS E SUA HISTÓRIA DAS MULHERES

Livia Maria Albuquerque Couto ¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo refletir como Georges Duby constituiu sua Trilogia “Damas do Século XII”. Nesse sentido, pretendemos analisar o caminho que o medievalista cursou até pesquisar o sexo feminino no medievo. Dito isso, enfatizaremos através de uma diferenciação entre os “Estudos de Gênero” e “História das Mulheres”, porque consideramos os estudos do historiador incluídos nesta última categoria. Dessa maneira, nosso foco não será refletir sobre as obras em si, mas o percurso que o historiador percorreu para a constituição dessas. E por fim, enfatizamos a discussão acerca da Trilogia de Georges Duby pertencer ao que se denomina “História das Mulheres”, realçando os pontos que nos faz chegar a esta conclusão, e ponderando como o estudo das mulheres no medievo seria melhor contemplado caso analisado sob o viés dos Estudos de Gênero.

PALAVRA-CHAVE: Georges Duby; Idade Média; História das Mulheres; Estudos de Gênero.

ABSTRACT

The present article aims to reflect how Georges Duby constituted his Trilogy "Ladies of the XII Century". In this sense, we intend to analyze the path that the medievalist went through to research the female sex in the Middle Ages. That said, we will emphasize through a differentiation between "Gender Studies" and "Women's History" because we consider the studies of the historian included in the latter category. In this way, our focus will not be to reflect on the works themselves, but the path that the historian has gone through in the constitution of these. And finally, we emphasize the discussion about Georges Duby's Trilogy belonging to what is called "Women's History", highlighting the points that lead us to this conclusion, and pondering how the study of women in the Middle Ages would be better contemplated if analyzed under the bias of Gender Studies.

KEY-WORDS: Georges Duby; Middle Ages; Women's History; Gender Studies.

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Sergipe. Integrante do *Dominium*: estudos sobre Sociedades Senhoriais. Bolsista Fapitec/Se. E-mail: couto.livia@gmail.com.

Considerações Iniciais

Ao analisarmos as representações femininas do medievo percebemos que a imagem da mulher do período medieval que chega até nós, atualmente, é aquela construída pelos homens medievais, principalmente, ligados a instituições eclesiásticas. Com base nisso, pretendemos refletir como Georges Duby constituiu sua Trilogia “Damas do Século XII”, isto é, seus estudos sobre a condição das mulheres na sociedade medieval. Dessa maneira, nosso foco não será refletir sobre as obras em si, mas o percurso que o historiador percorreu para a constituição dessas.

A historiografia pouco aborda a figura feminina na Idade Média, dando importância apenas aquelas ditas extraordinárias. Sendo que, na maioria das vezes estas só receberam “atenção” devido ao fato de serem irmãs, filhas, mães, ou mulheres de um homem, considerado, importante. Em se tratando do Brasil a questão fica mais complicada, já que segundo Andréia Silva (2004), até o fim da década de 1990 eram raros os títulos sobre o medievo publicados por editoras brasileiras. Nas bibliotecas universitárias basicamente não tinham livros sobre temáticas medievais. E no ensino e na pesquisa os interessados eram pouquíssimos.

No campo específico da História Medieval, em nosso país, ainda segundo Silva (2004), há muito o que ser explorado tanto em termos temáticos quanto em formas de abordagem, documentos a serem analisados e na aplicação de diferentes teorias, métodos e técnicas de pesquisa, incluindo o uso da categoria gênero.

Nesse contexto, é interessante destacar o fato de que a Idade Média, durante muito tempo foi considerada, erroneamente, como “Idade das Trevas” ou “longa noite dos mil anos”. Por isso existiu, e ainda existe, um preconceito sobre esse período, e entendemos que é necessário desfazer uma série de mal-entendidos, juízos apressados e lugares comuns relativos aos mil anos de história europeia situados entre os séculos V e XV (PERNOUD, 2004). Por isso, nosso intuito é contribuir para desmistificar essa visão equivocada do período e frisar que em nossa análise levaremos em consideração o momento de produção da obra; o contexto social o qual estava inserido o autor e o tipo de posicionamento dado por ele às mulheres do medievo.

É indubitável que durante o período medieval, a sociedade definiu os papéis e os lugares reservados aos sexos. Sendo que, era uma sociedade dirigida e controlada por homens, cujos valores “oscilavam entre os princípios éticos cristãos e o ideal de guerra, estes restritivos ao sexo feminino” (MACEDO, 2002, p. 10). Segundo Georges Duby “as mulheres valorizadas no medievo estão geralmente ligadas a algum homem. São vistas como a filha, irmã ou mulher de alguém importante, e por isso as mulheres ricas têm, por vezes, a sua biografia narrada pelos cronistas” (DUBY, 2011, p. 20). Essa seria a justificativa do medievalista para optar por utilizar,

em suas obras, as mulheres consideradas “damas”. Pois, eram as únicas iluminadas o suficiente para que pudesse utilizá-las em seu estudo.

Georges Duby e seu *corpus documental*

Nesse contexto, precisamos nos atentar para as fontes utilizadas pelo medievalista, em seus estudos sobre as *Damas do século XII*, já que suas escolhas documentais, de certo modo, privilegiaram um pequeno número de fontes narrativas. Podemos citar como exemplo, os escritos normativos, os textos canônicos, as crônicas de religiosos, as biografias, as correspondências, os capitulares, os inventários, os tratados, os códices, as atas de arquivos eclesiásticos, os cartulários, contos, literatura cortês etc. Sendo estas ligadas a opinião dominante, logo, masculina, do medievo. Nesses documentos “são sempre os homens que falam” (DUBY, 1993, p. 151).

Georges Duby, então, procurou mostrar reflexos, ou seja, captou a imagem e não a verdade das mulheres. Porque, os escritos foram redigidos por homens e o latim registrava somente as falas importantes feitas sob formas artificiais. Estes eram redigidos para a declamação ou o canto. Lembrando que a leitura era privada, geralmente feita em voz alta e que existia uma função pedagógica nesses textos. Por isso, o medievalista se situa como historiador das estruturas, pois o que a sociedade afirmava e ocultava permitiu alcançar as suas estruturas. Sua operação histórica combinou releitura e identificação. Ele diz que releu “textos [...] esforçando-me por identificar-me com aqueles que os escreveram a fim de dissipar ideias falsas que depois perturbaram seu sentido” (DUBY, 1995, p. 12).

Nesse sentido, é necessário entender que existia um “antifeminismo” no medievo, sendo que, da imensa quantidade de textos misóginos medievais é consenso entre os estudiosos do assunto que os escritos constituíam uma referência clássica do período. Quanto a divisão masculino/feminino, Christiane Klapisch (2002), demonstra questões importantes sobre à síntese medieval dos sexos:

deve-se ter notado que falando do masculino/feminino na Idade Média, dificilmente evoca-se os valores ligados ao polo masculino, tanto o discurso medieval dominante atua pela separação, pela diferenciação do feminino a partir de um masculino concebido como plenitude e totalidade. Além disso, é impossível negligenciar a misoginia particular àquela época, que não somente concentra a atenção dos autores no feminino e infla desmesuradamente a análise, mas utiliza-a como categoria conceitual redutora nas investigações que não têm nada a ver com a mulher, nem com as mulheres. O feminino guarda, no entanto, uma ambivalência irredutível vinda de sua construção ideológica e social. O homem é unidade, o masculino, unívoco. A mulher é ao mesmo tempo Eva e Maria, pecadora e redentora, megera conjugal e dama cortesã. Dentre estas facetas, o feminino não escolhe, justapõe. Assim, ele se furta obstinadamente a buscar sua natureza própria, que depende do espiritual, miseravelmente medido, e do corporal, no qual foi logo encerrado (KLAPISCH-ZUBER, 2002. p. 135-150).

Dessa maneira, a maioria dessas obras, consideradas misóginas, tinham como tema recorrente a crítica ao matrimônio, pois a vida doméstica era uma verdadeira desgraça, enquanto que o celibato era considerado como uma condição de excelências morais, intelectuais e

espirituais. Outro assunto recorrente que teve origem nos escritos de Aristóteles, trata sobre a passividade da mulher na procriação, considerada como um “macho deformado”, sua contribuição para a sociedade viria da chamada “cópula justa”. Mas era consenso que considerada agenciada pelo diabo, ou comparada a uma “espada desembainhada”, com predisposição para a incontinência, as mulheres necessitavam de vigilância e isso reforçou a ideia do monopólio do homem na pregação e na prática de atividades religiosas sagradas (DUBY, 1995).

Outra temática que merece ressalva era a “visão dualística” apresentada nos textos clericais, ora pecadora, se comparada a Eva, ora salvadora, sob a imagem de Maria. Este talvez um dos mais intrigantes paradoxos, bastante em voga no século XII, tenha tido uma ascética obsessão em condenar as mulheres, em denegar acerbamente a sua mera realidade, associada com a prática de uma adoração cortês da sua imagem nunca totalmente isenta de ambivalências de erotismo (PATTERSON, 1986). Assim, surgiu a figura de Maria Madalena que ficaria entre a dualística feminina e seu exemplo objetivava a reforma do clero secular (DUBY, 1995).

Com base no que foi dito, é fato que as damas escolhidas pelo medievalista não representavam todas as mulheres da Idade Média, segundo Sales (2003), ele permaneceu instalado em sua época de predileção, sem se aventurar além do século XII quando os discursos das mulheres são menos abafados pelo ruído de fundo da sociedade masculina. Ele continua fiel a um “grupo social: o das damas ociosas e sonhadoras da aristocracia, enquanto, por outros meios, a historiografia desenvolve a figura da mulher no trabalho” (SALES, 2003. p. 279). Desse modo, podemos afirmar que as “damas” do medievo de Georges Duby não eram absolutamente as da Idade Média, pois a história delas foi escrita a partir de um terreno estritamente delimitado, uma historiografia que se prendeu apenas ao reflexo das mulheres no discurso feito pelos homens ligados a uma instituição eclesiástica.

Apesar disso, refletimos que o medievalista demonstrou, sem pretender atingir qualquer verdade absoluta, uma História mais apaixonada, menos fria e impassível, contudo rigorosa e séria. Segundo o próprio autor:

não tenho a pretensão de comunicar-lhe a verdade, mas de sugerir-lhe o provável, colocando-o diante da imagem que eu mesmo tenho, honestamente, do real. Dessa imagem participa em boa dose aquilo que eu imagino. Cuidei, entretanto, para que as elasticidades do imaginário permanecessem solidamente presas a esses ganchos que em caso algum, em nome de uma moral, a do cientista, ousei manipular ou negligenciar, e que testei em todos os casos minuciosamente, para confirmar-lhes a solidez. Estou falando dos documentos, minhas provas (DUBY, 1993, p. 62).

Georges Duby e sua Trilogia *Damas do Século XII*

Sobre as obras que constituem a Trilogia, foram lançadas em um curto período. No Brasil, *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII* teve sua primeira edição no ano de 1995; a segunda obra, *A Lembrança das Ancestrais*, em 1997, e a última obra, *Eva e os Padres*, em 2001. Sendo que, em 2013 foi lançada uma edição de bolso, a qual compila todas as obras em

um único livro. Ressaltando que as obras em sua língua original foram lançadas em um único volume entre os anos de 1995 e 1996, na França.

Em se tratando do contexto social da década de 1990 foi um período bastante conturbado, pois, vimos o auge e a crise dos nacionalismos. Mas para Georges Duby, esta década significou um período em que incrementava sua visão com posições influenciadas da história cultural que se preocupava, cada vez mais, com os costumes, com o cotidiano, com a simplicidade do homem feudal. Assim, voltando-se cada vez mais para elementos considerados subjetivos da História, como por exemplo, as relações familiares, as condutas sociais, o casamento e as mulheres.

Desse modo, Duby apresenta elementos de uma História, considerada renovada (*nouvelle histoire*), que foi encabeçada, na França por Jacques Le Goff e Pierre Nora. Para a época, o medievalista utilizou uma narrativa histórica inovadora, pois “buscou muitas vezes preencher lacunas de informação, sobre o tema estudado, tendo por base uma reflexão sobre a ideia de imaginário” (DUBY, 1993, p. 90). Nesse contexto, e utilizando textos religiosos e épico-poéticos como *corpus documental*, ele descreveu as *Damas do Século XII* como “aquelas que desnudam a vida privada relacionando-se com a vida pública, através de relações de parentesco, sexo e corpo, morte e nascimento” (DUBY, 1995, p. 25).

Considerações Finais

Analisando o caminho percorrido e as fontes utilizadas por Georges Duby para constituir a *Trilogia* de Georges Duby, percebemos que a voz masculina abafa a feminina, mas nem por isso a exclui, ou seja, é possível considerar que as identidades de gênero se constroem com relação uma a outra, dado a mentalidade diacrônica própria da sociedade medieval. Dessa forma, é indubitável que a população do medievo pode ser analisada sob o viés dos Estudos de Gênero, visto que este pode ser utilizado como uma forma de significar as relações de poder, sendo o masculino – nas fontes eclesiásticas – sempre entendido como superior ao feminino.

Nesse sentido, consideramos importante que a *Trilogia: Damas do Século XII* seja analisada sob o viés dos Estudos de Gênero, como uma tentativa de corrigir o privilégio concedido pela História das Mulheres às “vítimas ou rebeldes”, “ativas ou atrizes do destino”, em detrimento das mulheres passivas, vistas muito facilmente como consentidoras de suas situações. Assim, segundo Roger Chartier (1995), definimos a submissão imposta às mulheres como uma relação de violência simbólica o que ajuda a compreender como uma forma de dominação, que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída é sempre afirmada como uma diferença de natureza, radical, irredutível, universal.

Segundo Márcia Leite (1999), estudar a imagem da mulher medieval, além de ser uma pesquisa delicada devido à falta de documentação e comprovação é também um estudo onde se faz necessário um cuidado ao pesquisar, pois dependendo da fonte, há a tendência a uma construção de imagem mais ou menos realista ou estilizada. Por isso, o historiador não pode se deixar levar totalmente pelas fontes, especialmente aquelas de raízes masculinas.

Gostaríamos de ressaltar que a intenção deste artigo não é reduzir a obra de Georges Duby a uma análise baseada na História das Mulheres, mas sim demonstrar como este tipo de pesquisa é possível através da análise de um entre vários aspectos ainda por pesquisar dentro da obra deste autor.

Assim, consideramos que pesquisar tal temática está de acordo com uma nova tendência e preocupação dos pesquisadores de História Medieval. Além disso, é uma oportunidade para que possamos perceber a maneira como um homem ocidental contemporâneo lida com a Idade Média, um passado aparentemente tão distante e que desde o Renascimento tem sido legado a estereótipos que pendem entre a luz e as trevas.

Por fim, ressaltamos a importância dos Estudos de Gênero e enfatizamos que a pesquisa de Georges Duby seria melhor contemplada caso analisada sob este viés. Contudo, entendemos que o medievalista estava ciente acerca das dificuldades do seu estudo, relacionando a situação das fontes, mas vemos como ele praticamente desapareceu diante de sua obra, pois suas fontes informam mais sobre a ideologia dominante do que de fato, a realidade. Ideologia, construída em favor de uma suposta submissão natural da mulher ao homem. Logo, os textos da sagrada escritura se constituíram na base teórica sobre a qual assentou a imagem exemplar da mulher medieval. Por outro lado, domínios distintos, como a participação da mulher na vida religiosa e o do processo de “feminização” do cristianismo no Ocidente, permaneceram à espera de investigações.

Referências Bibliográficas

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. **Cadernos Pagu**. nº 4, 1995.

COSTA, Milton Carlos. **Compreender Georges Duby: introdução à obra de um medievalista dos Annales**. Tese de livre docência. Assis, UNESP, 2009.

DUBY, Georges. **A História Continua**. Rio de Janeiro: Editora: UFRJ, 1993.

DUBY, Georges. **Damas do Século XII: A Lembrança das Ancestrais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DUBY, Georges. **Damas do Século XII: Eva e os Padres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

- DUBY, Georges. **Heloísa, Isolda e outras damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DUBY, Georges. **Idade Média. Idade dos Homens**. São Paulo (ed. de bolso): Companhia das Letras, 2011.
- KLAPISCH- ZUBER, Christiane. Masculino/Feminino. In. LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean Claude (dir.) **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: Edusc, 2002.
- LEITE, Márcia M. da S. B. Representações femininas na idade média: o olhar de Georges Duby. Feira de Santana: **Sitientibus**, nº 21. 1999.
- MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. Rio de Janeiro: Contexto, 2002.
- PATTERSON, Lee. For the Wyves love of Bathe: feminine rhetoric and poetic revolution in the Roman de la Rose and Canterbury tales. **Speculum**. nº 58, 1986.
- PERNOUD, Régine; GONÇALVES, Antônio Manuel. **Luz sobre a idade média**. Europa América, 2004.
- RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: notes on the “political economy” of sex. In: R. Reiter. **Toward an Anthropology of Women**. New York: monthly review press, 1975.
- SALES, Véronique. **Os Historiadores**. São Paulo. Editora: UNESP, 2003.
- SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**. nº 3, Campinas – São Paulo: 1994.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, nº 2, jul./dez. 1995.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos da História Medieval no Brasil (1900-2003). **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia, v. 11. Nº 14. 2004.
- TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. **Cadernos Pagu**. nº 3, 1994.